



FEMICIDIO NA CIDADE

Jackeline Aparecida Ferreira Romio¹

Por que estudar as mortes violentas femininas?

De 2000 a 2007, cerca de 30.906 mulheres foram assassinadas no Brasil, uma média de 3.863 mortes por ano, mais de dois terços destas mortes ocorreram nas capitais brasileiras. Para se ter uma idéia de quão expressivo é este número podemos compará-lo ao número aproximado de vítimas fatais da guerra civil colombiana (iniciada em 1966), onde o conflito entre o governo e as forças armadas revolucionárias da Colômbia (FARC) já matou mais de 30 mil pessoas².

As mortes femininas violentas são silenciadas ou romanciadas a gosto de interesses midiáticos, políticos, econômicos e legais de cada sociedade. É certo que comparado ao verdadeiro extermínio de jovens negros periféricos brasileiros o número de mortes femininas por homicídio soe imperceptível, porém 4 mil mortes femininas anuais repercutem em ausências evitáveis de mães, filhas e amigas nas comunidades brasileiras. As mortes violentas femininas constituem questão global dentro do debate feminista sobre violência letal contra as mulheres baseada em gênero, femicídios. Neste artigo, apresentaremos algumas autoras de contextos políticos, econômicos e culturais diferenciados discutindo os femicídios em seus países, em contrapartida apresentamos dados brasileiros. Queremos demonstrar que violência contra a mulher³ causa mortes a médio, curto e longo prazo e que é uma questão global.

A proposta de entendimento dos assassinatos contra mulheres dentro da epistemologia feminista sobre *Femicídio* é diferenciada, pois posiciona suas análises na problematização do caráter sexista implícito nos assassinatos femininos, além de abrir diálogo para abordagem de outros fatores estruturais como raça/cor, etnia, idade, religião, classe, além das dimensões dos contextos políticos nacionais nestas análises.

¹ Mestre em Demografia, NEPO/IFCH/UNICAMP. jackieisis@hotmail.com

² <http://www.scaruffi.com/politics/massacre.html>

³ Compreendendo a violência contra a mulher como sendo: (...) qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública como na esfera privada. [...] Entende-se que a violência contra a mulher abrange a violência física, sexual e psicológica: a) ocorrida no âmbito da família ou unidade doméstica ou em qualquer relação interpessoal, quer o agressor compartilhe, tenha compartilhado ou não a sua residência, incluindo-se, entre outras formas, o estupro, maus-tratos e abuso sexual; b) ocorrida na comunidade e cometida por qualquer pessoa, incluindo, entre outras formas, o estupro, abuso sexual, tortura, tráfico de mulheres, prostituição forçada, seqüestro e assédio sexual no local de trabalho, bem como em instituições educacionais, serviços de saúde ou qualquer outro local; e c) perpetrada ou tolerada pelo Estado ou seus agentes, onde quer que ocorra (CONVENÇÃO DO PARÁ, ARTIGO 1 e 2, 2004).



Um ponto de partida de muitos estudos acadêmicos sobre o tema é o livro *Femicide: the politics of woman killing*, publicado em 1992 por Jill Radford e Diana Russel(1992), nele as pesquisadoras desenham conexões entre pornografia e misoginia no assassinato de mulheres, analisam aspectos históricos do femicídio, aspectos da justiça criminal e ativismo feminista em resistência aos femicídios, suas análises concentram-se nos EUA, Inglaterra e Índia. Segundo as autoras, o Femicídio, o assassinato misógino de mulheres por homens, é a forma mais extremada de violência sexual. As autoras seguem o entendimento de que a violência sexual pode ser considerada como qualquer tipo de ataque físico, visual, verbal ou sexual sofrido por mulheres ou meninas que tenha gerado qualquer efeito que fira, degrade ou tire as habilidades de controlar contatos íntimos. Este entendimento é importante, pois reconhece a dissonância entre a percepção dos homens e das mulheres sobre suas próprias experiências em relação à violência sexual - Esta abordagem faz sentido ao percebermos os inúmeros assassinatos de mulheres cometidos por ex-companheiros com justificativa na recusa em reatar o relacionamento e até mesmo para o entendimento dos estupros conjugais.

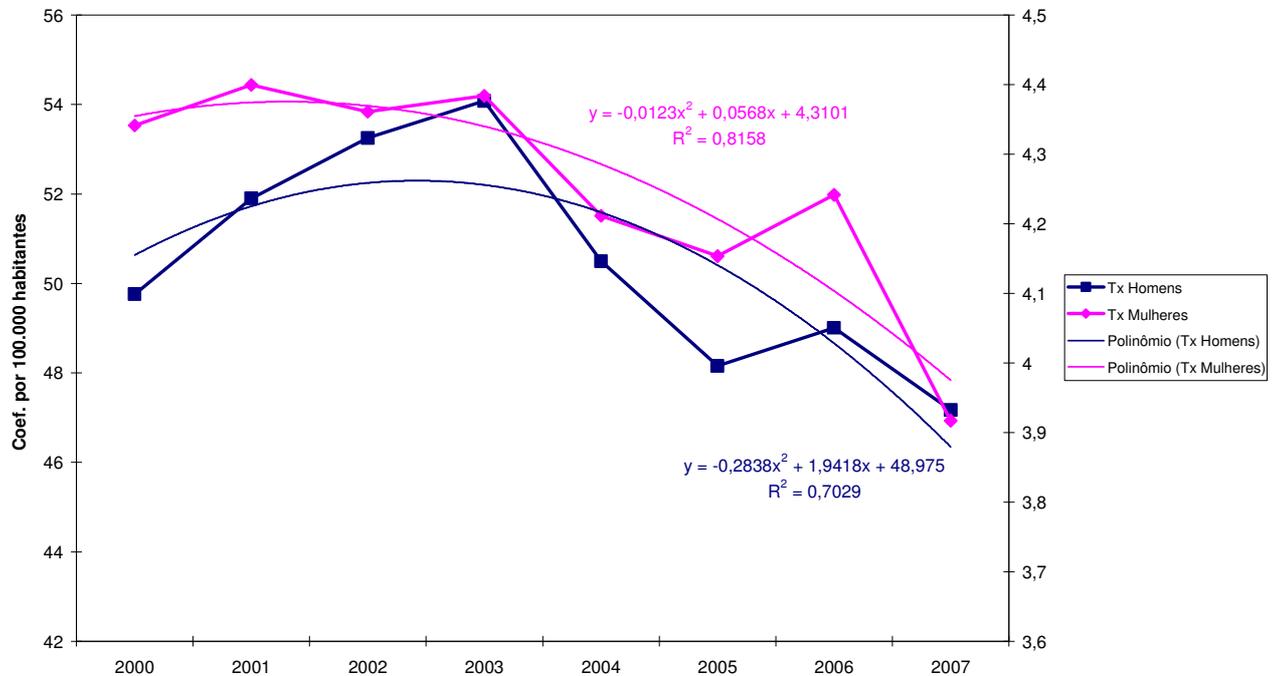
Esta percepção de violência sexual contém internamente a idéia de “um continuum da violência sexual”, fazendo conexões entre as várias formas de violência. A análise sugere ainda que os femicídios não se restringem aos praticados por companheiros e ex-companheiros, considerando o femicídio homofóbico e lesbofóbico, o femicídio marital, o femicídio racista, os femicídios cometidos fora do espaço de domicílio, os seriais e em massa, inclui a discussão dos assassinatos de mulheres legalizados pelo Estado motivados por políticas e práticas sociais, a exemplo das práticas de assassinatos de meninas em países que adotaram políticas de restrição do número de filhos, também discute as mortes femininas produzidas pelos processos de esterilização e clitorectomias, além dos assassinatos cometidos em nome da busca da Beleza através de intervenções cirurgicas mal sucedidas.

Gartner e Bill (1991), num estudo sobre a distribuição dos femicídios nas áreas urbanas do Canadá de 1921 a 1988, observam que o assassinato de mulheres é bem similar ao do homem em aspectos longitudinais e transversais, pois em locais em que o risco de homicídio é alto para os homens também é para as mulheres, quando as taxas sobem ou descem para os homens a das mulheres acompanham o mesmo movimento. Esta afirmação pode ser observada no exemplo brasileiro, no gráfico abaixo, podemos ver como a distribuição de mortes femininas por agressão acompanham movimento parecido ao dos homens no mesmo período de anos, sendo um pouco mais instável que a forma que desenha a distribuição masculina, o que pode ser observado pelas



diferenças no R- quadrados das linhas tendência. Veja também que a queda masculina precede a feminina, que se comporta um pouco mais lenta que masculina em relação aos aumentos e quedas.

Taxas de Mortalidade por homicídio, segundo sexo, Brasil, 2000 a 2007



Fonte: SIM/DATASUS/MS. Tabulações próprias.

Esta característica de homicídio foi uma das justificativas para a utilização das taxas de homicídio totais, ao invés de taxas específicas por sexo, na maioria das análises da distribuição de riscos de vitimização por homicídios ao longo do tempo longo e espaço. Outra justificativa é a de que as mulheres são menos propensas a ser assassinadas do que os homens em praticamente todos os tempos e lugares, fazendo com que as taxas totais de vitimização sejam dominadas pelas taxas masculinas, as consequências são que as perspectivas teóricas convencionais e modelos de analíticos de quantificação da distribuição social dos homicídios frequentemente ignoram as diferenças de gênero no risco e, implicitamente, assumem uma perspectiva de gênero-neutro. (Gartner,1991)

Fadia Faqir⁴, aborda em seu artigo “Intrafamily femicide in defence of honour: the case of Jordan” de 2001 um pouco da situação do femicídios nos países arábes. Segundo a autora, um relatório da Secretária de Segurança Pública mostra um aumento em crimes contra as mulheres,

⁴ é Fadia Faqir é um escritora Jordânia/ britânica, estudiosa independente e defensora dos direitos humanos. Seu primeiro romance, *Nisanit*, foi publicado pela Penguin, em 1990. Sua obra é traduzida para diversas línguas.



listados como violência familiar, de 313 em 1993 para 401 em 1996. Trinta e nove por cento destes crimes são contra as mulheres com menos de 18 anos de idade, 32% contra mulheres com idade entre 18 a 27, e o restante contra as mulheres de outras faixas etárias. Entre março e outubro de 1998 a União de Mulheres da Jordania tiveram mais de 1500 queixas de violência doméstica. A maioria dos casos nem foram levadas a tribunal nem seguidos por dentro do sistema jurídico legal da jordaniana. Possíveis explicações são que a casa é de propriedade do marido e títulos de propriedade e contratos de aluguel são feitos em nome do marido. Em adicional, algumas mulheres se abstêm de dar prosseguimento a seus casos, pois elas são dependentes financeiramente de seus companheiros. Manter o relacionamento juntos, apesar da violência, é também importante por razão do apoio financeiro, abrigo, acesso ao mesmo a capacidade de ganhar um descanso, mesmo que isso signifique viver com o marido agressor. A autora descreve em seu artigo que em um dos casos um homem foi acusado de amarrar sua esposa de 29 anos mais de 100 vezes, com um fio elétrico porque ela o desobedeceu. A advogada de defesa Nur Imam disse que sua cliente pediu indenização financeira de seu marido. O marido dela foi colocado sob custódia, mas quando ele for solto ela vai acabar sem um guardião ou um lugar para morar. Na Jordania cerca de 25 mulheres morrem a cada ano vítimas de femicídios intrafamiliares, isto para uma população de cerca de 4,7 milhões é uma das taxas mais altas do mundo diz a pesquisadora. Os crimes de honra punem as mulheres justificando-se no desvio das normas sexuais impostas pela sociedade as mulheres e as mortes são muito frequentes. Segundo Faqir, na cultura árabe muçulmana, jovens ou mulheres adultas podem manchar a honra da sua família e destruir sua reputação, até que elas se casem e se tornam a responsabilidade dos seus maridos. Em sociedades árabes as mulheres devem permanecer *Mastura* (escondidas) um termo que implica o confinamento físico e psicológico no espaço público e privado. (FAQIR, 2001)

Prieto-Carro'n et all., 2007, analisam o femicídio no México e América Central, as autoras exploram a natureza do femicídio, analisando a situação numa perspectiva de gênero, como sendo uma forma extrema de violência baseada no gênero (VBG), elas vêem conexões entre femicídios e discriminação, a pobreza e reação contra as mulheres. Elas relatam que a palavra feminicídio⁵ emergiu em 1993, na cidade de Juarez, na fronteira entre os EUA e o México, quando os relatórios começaram a aparecer na mídia sobre a descoberta de corpos mutilados de mulheres estupradas e assassinadas em terrenos baldios. Os feminicídios agora estão em crescimento também fora da cidade e têm atingindo proporções alarmantes em toda a América Central. Na Guatemala, por

⁵ Neste mesmo texto as autoras elucidam que o termo tem grafia dupla sendo femicídio vindo da grafia inglesa femicide e que feminicídio seria derivada da grafia hispânica.



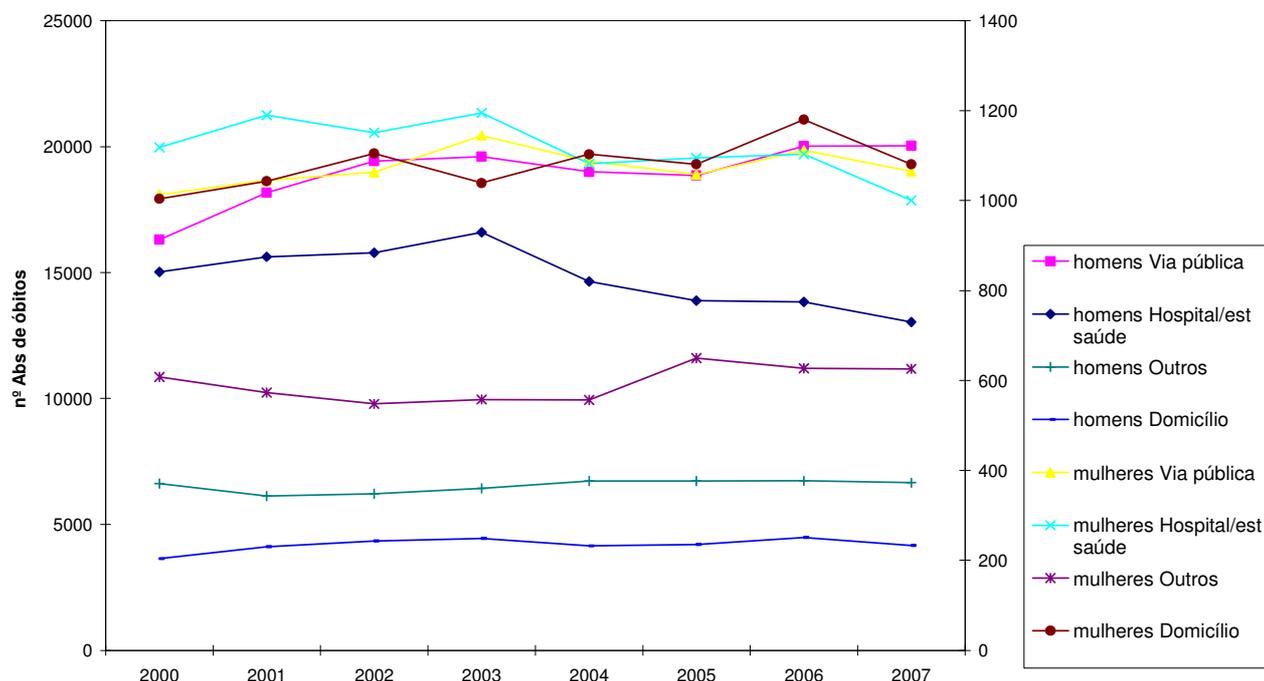
exemplo, mais de 2.200 mulheres foram mortas por feminicídios desde 2001. Lembremos que no Brasil daquele ano, contabilizávamos 3.851 homicídios femininos. (PRIETO-CARRO'N et all, 2007)

Os homens são majoritariamente os perpetradores da agressão e sua relação com a vítima é muito próxima, ou seja, são os companheiros, ex-companheiros, namorados, familiares, vizinhos e pessoas conhecidas da vítima os que mais agridem. Este fato nos leva a supor que o homicídio no caso das mulheres expresse o impacto da violência doméstica na mortalidade feminina. Diferente do caso masculino, para o qual a taxa de homicídios é muitas vezes utilizada como índice de violência urbana.

Todavia os espaços urbanos e públicos também representam risco de vida para as mulheres, na distribuição dos óbitos por homicídio segundo local de falecimento no Brasil de 2000 a 2007, segundo informações de Saúde Pública brasileira, podemos notar que para os homens os óbitos ocorridos em via pública são os mais recorrentes, seguido pelos óbitos que ocorreram já no hospital indicando que recebeu socorro e em menor escala os falecimentos ocorreram no domicílio. Para as mulheres os falecimentos ocorrem em primeiro lugar no domicílio, depois via pública, depois hospital, note no gráfico que estas três categoria têm distribuição bem próxima. Esta distribuição de locais de falecimento pode ilustrar bem a idéia de que as violências domésticas estão dividindo importância com o tipo de violência que estamos classificando como urbana, do contexto da vida pública, na ocorrência de homicídios consumados no Brasil também para as mulheres. O que pode ser interpretado por diversas hipóteses, entre elas, a de que a integração das mulheres nos contextos urbanos das grandes cidades traz internamente o ônus de compartilhar, guardando as devidas proporções, com os homens dos malefícios da violência urbana nos seus cotidianos de vida já mediados pelos malefícios e constrangimentos vindos da violência doméstica. Entendendo que o espaço urbano correlacionado aos diversos fatores de desigualdade e vulnerabilidade é um vetor da violência onde mulheres não estão imunes (chacinas, latrocínios, turismo sexual, violência policial, tráfico de drogas, femicídios, etc). Veja gráfico abaixo:



Distribuição dos Homicídios segundo sexo e local de falecimento, Brasil, de 2000 a 2007



Fonte: SIM/DATASUS/MS. Tabulações próprias.

É importante deixar evidenciado que a maior parcela de vítimas destas agressões são mulheres jovens de idade entre 15 a 30 anos no Brasil, na maioria negras, moradoras das periferias das grandes cidade, assim como no perfil masculino de vitimização, cerca de 62% das vítimas eram negras e 38% brancas no ano de 2007, se compararmos a distribuição por raça da população brasileira verificamos que as mulheres negras estão sobre representadas nestas mortes, já que constituem 45% da população.

No cenário nacional a primeira a revisar o termo femicídio na academia foi Sueli Almeida (1998), a pesquisadora explica que a expressão “femicídio intimo” foi introduzida em 1976, no Tribunal Internacional de Crimes contra a Mulher, voltando a ser utilizada apenas nos anos 1990, para evidenciar a “não-acidentalidade” da morte violenta de mulheres, que envolveria, inclusive, estupros seguidos de assassinato, casos de assassinato de prostitutas por seus clientes e assassinatos conjugais. Femicídio para ela explicita o caráter sexista dos crimes conjugais, “desmascarando a aparente neutralidade dos termos homicídio e assassinio” (CAPUTI; RUSSEL, 1992; CAMPBELL, 1992; STOUT, 1992; apud RADFORD; RUSSELL, 1992), além de revelar este fenômeno que integra a política sexual de apropriação das mulheres. (ALMEIDA, 1998)



No mês de outubro de 2008, o termo foi colocado em questão de maneira bem objetiva por Mota e Fernandes (2008) ao discutirem, após tristes acontecimentos, o seqüestro e morte de uma adolescente de 15 anos por seu ex-namorado e tentativa de homicídio sofrida por sua amiga cometida pelo mesmo agressor motivado pela ‘recusa em aceitar o fim do relacionamento’, na região do ABC da grande São Paulo. Segundo a autora, “tudo o que o Brasil acompanhou com pesar no drama de Eloá, em suas cem horas de suplício em cadeia nacional, não pode ser visto apenas como resultado de um ato desesperado de um rapaz desequilibrado por causa de uma intensa ou incontrolada paixão. É uma expressão perversa de um tipo de dominação masculina ainda fortemente cravada na cultura brasileira [...] O feminicídio é um crime de ódio, realizado sempre com crueldade, como o "extremo de um continuum de terror anti-feminino", incluindo várias formas de violência como sofreu Eloá, xingamentos, desconfiança, acusações, agressões físicas, até alcançar o nível da morte pública”. (MOTA; FERNANDES, 2008).

Uma Tentativa de Tipificação das Ocorrências de homicídio: Estudo Boletins de Ocorrência município de São Paulo, 2005⁶.

A morte por homicídio para as mulheres, como pudemos ver até agora, é igual a dos homens em termos de dispersão, ritmo de crescimento e decréscimo, áreas de ocorrência, perfil etário e social das vítimas; Ao mesmo tempo em que é diferente no volume das mortes e motivações que causaram a morte. Para melhor especificar as singularidades das mortes femininas, apresentamos os resultados da análise dos Boletins de Ocorrência (BO's) do ano de 2005 que registraram homicídios contra mulheres no Município de São Paulo. O objetivo desta análise – mais de tipo qualitativo, apesar de lançar mão de dados numéricos – é a averiguação das distintas faces da violência contra a mulher expressas nas mortes violentas. As análises se referem a 377 homicídios em 205 ocorrências registradas pelas delegacias de polícia do município de São Paulo, em 2005, a fonte de pesquisa foi cedidas pela Secretária de Segurança Pública (INFOCRIM/SSP-SP). Os *Boletins de Ocorrência Policial* são documentos policiais muito importantes para a análise das mortes violentas femininas por trazerem em seu corpo narrativas com os diversos discursos sobre o acontecimento, o motivo e meio da agressão foram extraídos destes documentos, segundo discursos de testemunhas, agressor, policial ou outro com informações sobre o fato.

O Motivo e o meio da agressão oferecem elementos muito importantes para a análise das mortes femininas, o cruzamento destas variáveis apresentado na Tabela abaixo sugere existir

⁶ Dados apresentados em Romio, 2009.



associação entre tipo de motivação e meio de agressão. Independentemente da circunstância motivadora, predomina a agressão por armas de fogo. Contudo, ocorrências caracterizadas por brigas de todos os tipos têm por meio de agressão objetos contundentes, cortantes ou perfurantes. Além disso, homicídios com motivação amorosa apresentam proporções de armas de fogo e objetos contundentes, cortantes ou perfurantes em patamares muito próximos (47,8 e 39,1, respectivamente). São mortes em resultado de conflitos entre parceiros afetivo-sexuais, ocasionados entre outras razões pela recusa da mulher em reatar o relacionamento, ou como vingança em situações de separação e por alegação de ciúmes. Estes tipos de conflitos contrastam com as brigas em geral – incluindo brigas entre membros de uma mesma família – em que objetos contundentes, cortantes ou perfurantes como meios de agressão marcam a totalidade dos homicídios aí incluídos.

Seguem-se motivações que remetem a situações de conflito tipicamente urbano: roubos, seqüestros, encomenda, vingança, tiroteios e conflitos entre grupos em situações públicas. Nestes casos, a ampla maioria é provocada por armas de fogo.

Dentre os roubos e seqüestros, as armas de fogo constituem o único meio identificado, enquanto nos crimes por encomenda ou vingança cerca de 18% são cometidos por enforcamento, estrangulamento ou sufocamento, seguidos de outros meios variados (6%). No caso de tiroteios ou em que a morte foi ocasional – pois a agressão não tinha como objeto a vítima – destacam-se as armas de fogo e, em seguida veículos, já que estão aí incluídos acidentes de trânsito em que não houve socorro da vítima. É fato que os principais meios de agressão são as armas de fogo, com 58% dos casos identificados. Agressões resultantes em homicídios que têm como meio de agressão objetos contundentes, cortantes ou perfurantes parecem associados a circunstâncias específicas das ocorrências.

É possível, pois, tipificar as motivações de homicídios segundo os meios com que foram executados. Crimes amorosos – a chamada violência doméstica ou de gênero – tendem a ocorrer por meio de armas de fogo, embora objetos contundentes, cortantes ou perfurantes tenham um peso considerável neste tipo de crime. Homicídios no contexto de brigas, sejam elas familiares ou não, são em sua totalidade ocasionados por objetos contundentes, cortantes ou perfurantes. Roubos e seqüestros assim como crimes por encomenda ou vingança ocorrem, maiormente, por meio de armas de fogo. O mesmo se dá em situações de tiroteios e conflitos entre grupos em situações públicas, em que as mulheres assassinadas o foram por casualidade, por estarem presentes à cena do crime, sem relação com os demais atores.



Distribuição Percentual do Motivo e Meio da Agressão, Mulheres Vítimas de Homicídio - Município de São Paulo, 2005

| Motivo x Tipo/Meio da Agressão | Arma de fogo | Objeto contundente/ cortante/ perfurante | Enforc./ estrang./ sufocamento | Veículo | Outra | NS/NR | Total | N |
|-------------------------------------|--------------|--|--------------------------------|------------|------------|------------|------------|------------|
| Amoroso | 47,8 | 39,1 | 8,7 | 0,0 | 0,0 | 4,3 | 100 | 23 |
| Brigas (briga familiar/brigas) | 0,0 | 100,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 100 | 15 |
| Roubo/seqüestro/estupro + seqüestro | 91,7 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 8,3 | 100 | 12 |
| Encomenda/vingança | 76,5 | 0,0 | 17,6 | 0,0 | 5,9 | 0,0 | 100 | 17 |
| Vítima casual/tiroteio | 93,3 | 0,0 | 0,0 | 6,7 | 0,0 | 0,0 | 100 | 15 |
| outro | 0,0 | 44,4 | 0,0 | 44,4 | 11,1 | 0,0 | 100 | 9 |
| NS/NR | 61,4 | 21,1 | 2,6 | 0,0 | 1,8 | 13,2 | 100 | 114 |
| total | 58,0 | 25,4 | 3,9 | 2,4 | 2,0 | 8,3 | 100 | 205 |

Fonte: INFOCRIM/SSP-SP, 2005. Tabulações Próprias.

Conclusões

Consideramos de extrema importância abordagens que evidenciem os aspectos das mortes violentas femininas no Brasil e que dialogue com a literatura internacional, que levemos este assunto tão à sério quanto seus impactos. Isto será um desafio dentro e fora da academia, as pesquisas acadêmicas em aceitar que o conhecimento analítico feminista sobre o femicídio é sério e complexo, e o ativismo de mulheres brasileiras de reconhecer as questões nacionais mais profundas como o abismo social e o racismo que ainda afeta nossa sociedade diversificados obstáculos para as mulheres. É urgente analisarmos a herança da violência que tem sido repassada ano após ano para os mais jovens, no caso das mulheres um triste destino, na infância e adolescência ser submetida aos frequentes abusos e violências vindas de seus cuidadores e o bullying na escola, na juventude a bala perdida e perigos da noite e em casa os tapas que não doem, mas podem matar.

Este artigo é ainda uma visão preliminar de um assunto muito complexo e profundo ainda a ser devidamente tratado no Brasil e no mundo.

Bibliografia



ALMEIDA, S. S. *Femicídio: algemas (in) visíveis do público privado*. Rio de Janeiro: Revinter, 1998.

CONVENÇÃO Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher. OEA, 1994.

FAQIR, Fadia. “Intrafamily femicide in defence of honour: the case of Jordan”. *Third World Quarterly*, Vol 22, No 1, pp 65–82, 2001.

GARTNER, Rosemary; MCCARTHY, Bill. “The Social Distribution of Femicide in Urban Canada, 1921-1988”. In: *Law & Society Review*, Vol. 25, No. 2, Special Issue on Gender and Sociolegal Studies. (1991). pp. 287-312.

MOTA, M. D. B.; FERNANDES, M. P. *Femicídio ao vivo: o que nos clama Eloá*. 2008. Disponível em: < <http://www.viomundo.com.br/voce-escreve/feminicidio-ao-vivo-o-que-nos-clama-elo/> >

PRIETO-CARROÑ, Marina; THOMSON, Marilyn; MACDONALD, Mandy. “No more killings! Women respond to femicides in Central America”. In: *Gender & Development*. Vol. 15, No. 1, March 2007.

RADFORD, Jill and RUSSELL, Diana. *Femicide : The Politics of Woman Killing*. New York: Twayne Publishers, 1992, and Buckingham, England: Open University Press, 1992.

ROMIO, Jackeline Ap. F. *Mortes femininas violentas segundo raça/cor*. Campinas, 2009. Dissertação (Mestrado em Demografia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

SOARES, B. *Mulheres invisíveis: violência conjugal e as novas políticas de segurança*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.